

ALFABETIZAR NO ENSINO REMOTO: POSSIBILIDADE DEMOCRÁTICA OU EXCLUDENTE?

Antônio da Silva Cândido

Instituto Superior de Educação do CECAP.
<https://orcid.org/0009-0003-6127-0821>
E-mail: antonioscandido5@gmail.com

Thâmara Kelly da Silva Pereira

Instituto Superior de Educação do CECAP.
<https://orcid.org/0009-0001-7339-2987>
E-mail: thamara_silvapereira@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4-41>

RESUMO: Alfabetizar não tem sido um processo fácil para as escolas. Essa realidade tem sido observada ano após ano dentro de um contexto presencial onde o professor trabalha diretamente com os alunos realizando intervenções pedagógicas e acompanhando de perto suas dificuldades e avanços. Tal realidade nos faz pensar e buscar compreender como serão os efeitos de um ensino remoto, implantado às pressas, sem levar em conta as desigualdades sociais e educacionais de cada realidade, que não garantiu a todos os estudantes as mesmas oportunidades de acesso e como isso acaba por ser um elemento excludente, agravando ainda mais a qualidade da educação em todo país. Diante desse cenário o presente artigo busca discutir os entraves pedagógicos que o novo período impulsiona na atual sociedade e como os fundamentos democráticos do pensamento freiriano pode ser de extrema inspiração para a mudança tão urgente que precisamos alavancar com relação a educação igualitária para todos. Partindo da busca por respostas e no desejo de aumentar nosso conhecimento a respeito dos processos de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, dentro de uma proposta remota de ensino é que desenvolveremos a pesquisa de Estudo de Campo por meio da observação direta das atividades realizadas na Escola Estadual Manoel Fernandes, no município de Jaçanã R/N na etapa do Ensino Fundamental I, dentro do ciclo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Aprendizagem. Ensino Remoto.

LITERACY IN REMOTE LEARNING: A DEMOCRATIC OR EXCLUSIONARY POSSIBILITY?

ABSTRACT: Literacy has not been an easy process for schools. This reality has been observed year after year within a face-to-face context where the teacher works directly with students, carrying out pedagogical interventions and closely monitoring their difficulties and progress. This reality makes us think about and seek to understand what the effects of remote learning, implemented hastily without taking into account the social and educational inequalities of each reality, will be. This did not guarantee all students the same opportunities for access, and how this ends up being an exclusionary element, further aggravating the quality of education throughout the country. Given this scenario, this article seeks to discuss the pedagogical obstacles that the new period is driving in current society and how the democratic foundations of Freirean thought can be of extreme



inspiration for the urgent change we need to promote regarding equal education for all. Starting from the search for answers and the desire to increase our knowledge about literacy processes in the early years of elementary school, within a remote teaching proposal, we will develop the Field Study research through direct observation of the activities carried out at the Manoel Fernandes State School, in the municipality of Jaçanã R/N, in the Elementary School I stage, within the literacy cycle.

KEYWORDS: Literacy. Learning. Remote Teaching.

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita abrem caminhos e possibilidades infinitas na vida de qualquer indivíduo e a escola é espaço privilegiado para o desenvolvimento e aprimoramento dessas competências.

Alfabetizar tem sido um desafio para as escolas. Conhecer as crianças com dificuldades na leitura e escrita tentando, dentro do processo, recuperá-las, também. Escuto inúmeros relatos de colegas professores falando da dificuldade que é alfabetizar as crianças, e que em alguns casos, apesar dos esforços, alguns alunos não conseguem desenvolver as competências necessárias para avançarem em suas aprendizagens. Essas lacunas, tornaram-se maiores com o isolamento social e o afastamento do aluno da sala de aula, e se não superadas, poderão acarretar inúmeros prejuízos na vida escolar dos estudantes como, desmotivação, reprovação, até mesmo à evasão escolar.

A mudança drástica com o ensino remoto do dia para a noite exigiu dos docentes uma rápida adaptação em seus processos de ensino, planejamento e desenvolvimento de aulas. A necessidade de competências digitais e estratégias pedagógicas online para mediar o conhecimento com o uso das tecnologias da informação e comunicação tornou-se uma ferramenta indispensável nesse novo caminhar.

Entendendo que a alfabetização, assim como a aprendizagem, acontece dentro de um processo contínuo e ininterrupto é que buscamos com os ensinamentos de Paulo Freire trazer à tona dos debates atuais a questão da educação democrática, emancipatória e libertadora que é capaz de promover a diferença na vida das pessoas.

Sabendo que, em anos de ensino presencial, onde o professor em sala de aula era facilitador de conhecimentos e motivador desse processo, e que mesmo assim, alguns

alunos carregam através das séries, algumas dificuldades para se alfabetizarem, várias reflexões me inquietam e me motivam, diante da realidade de ensino remoto em curso a discutir a qualidade desse trabalho no que tange ao processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental. Tentar compreender como o professor construiu sua nova prática, que metodologias foi utilizada para alfabetizar, quais as inovações vieram da busca de formação e conhecimentos digitais, qual a visão do professor com relação as várias formas de aprender? Os impactos para o processo de alfabetização na escola, quantos excluídos e quais os alcances desse ensino remoto diante de uma pandemia que possivelmente se estenderá? Qual o alcance do estímulo remoto no ato de alfabetizar?

Toda essa pesquisa possibilitou um conhecimento mais apurado sobre os processos de ensinar e aprender desenvolvidos pela Escola Estadual Manoel Fernandes, como também servirá de conhecimento para sociedade e comunidade educacional uma vez que trará informações atuais de um processo de aprendizagem novo, onde o conhecimento se desenvolve de forma mais autônoma, mediada pelas tecnologias da informação e comunicação, tendo na figura do professor um educador aprendiz. Por tudo isso, acredita-se ser de total relevância esse estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mergulhados nesse contexto de pandemia mundial da Covid 19, muitos dos entraves na educação foram escancarados através das mídias, e as dificuldades de aprendizagem dos alunos já conhecidas pelas escolas e professores, revelaram a fragilidade do nosso sistema educacional brasileiro. Como nos diz Freire:

“Seria uma atitude ingênuas esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica” (Freire, 1984, p. 89).

Tal afirmação revela que as dificuldades encontradas por alunos e professores não surgiram apenas com a pandemia, mas são expressões de desigualdades históricas, e até então ampliadas pelas limitações tecnológicas, pelos acesso restrito a recursos digitais e pelas diferenças no polo familiar. Precisando readequar as formas de ensinar e aprender, alguns professores tiveram dificuldades no uso das tecnologias da informação e

comunicação para ministrar suas aulas online, síncronas e assíncronas em aplicativos, compartilhando telas, vídeos e interagindo com os alunos. Por sua vez o conhecimento também não esteve disponível aos alunos de forma inclusiva, pois muitos deles não possuíam celular, computador, internet, apoio familiar, ambiente doméstico propício ao ensino...enfim, para muitos, o ensino remoto favoreceu uma maior exclusão de direitos fundamentais, como o princípio da igualdade entre as pessoas.

É importante mencionar o esforço dos professores para continuar ensinando seus alunos, mesmo que de forma remota. Buscaram pelo conhecimento digital, trocaram experiências, fizeram investimentos financeiros em equipamentos para melhorarem suas aulas. Houve uma verdadeira corrida contra o tempo para reinventar a prática pedagógica e atender da melhor maneira possível o aluno. Nesse sentido, Freire nos lembra da necessidade de continuar aprendendo:

[...] Uma educação que possibilite ao homem discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o coloque em diálogo constante com o outro. Que o predisponha a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia no sentido mais humano da expressão. [...] (Freire, 2003, p. 38).

Entendemos o processo de alfabetização intencional e sistematizado como papel da escola, mas que os estímulos na família podem criar as condições favoráveis a essa aprendizagem. Em todo processo de ensino e aprendizagem é imprescindível considerar a motivação e elo de afetividade que perpassa nessa relação. Portanto, o fortalecimento de vínculo com os alunos e famílias no formato remoto tornou-se essencial.

A rotina escolar agora divide espaço com o ambiente familiar e se antes, em situações “normais” não conseguíamos alfabetizar todos os alunos dentro do ciclo, em meio a esse novo modelo de ensino onde professor e alunos não vivenciam a interação presencial nem o atendimento individualizado as suas necessidades, as dificuldades se mostram mais desafiadoras, principalmente com relação a leitura e escrita.

As escolas de maneira geral não estão preparadas para lidar com todas essas mudanças ocorridas, na velocidade com que elas foram postas, em especial com as de caráter tecnológicos, apesar de ser uma oportunidade e uma necessidade bastante “antiga.” Trazer o professor do século XX para acompanhar as necessidades dos alunos do século XXI é uma demanda a muito necessária.

Numa sociedade desigual como a nossa, onde educação não é prioridade, a aprendizagem é um grande desafio, e o ensino remoto tem acentuado essas desigualdades e acarretado grande defasagem no alunado o que poderá dificultar o seu avanço nas etapas de ensino. Recuperar essas aprendizagens, levando em consideração aquilo que esses alunos já sabem, analisando informações contidas nos instrumentos investigativos aplicados por professores e equipe pedagógica como: testes diagnósticos, relatórios, portfólios, conhecer da realidade de cada aluno em seu contexto familiar, adequar o currículo, refletir e aprimorar a prática pedagógica para fazer as intervenções necessárias e possíveis serão imprescindíveis para adquirir as aprendizagens essenciais que os alunos precisam saber em cada ano série. Também não podemos deixar de considerar os determinantes sociais, políticos e fisiológicos que impactam nesses resultados de aprendizagem.

[...] Uma educação que possibilite ao homem discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o coloque em diálogo constante com o outro. Que o predisponha a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia no sentido mais humano da expressão. [...] (Freire, 2003, p. 38).

A obra de Paulo Freire nos traz elementos para pensarmos o papel da escola, dos estudantes, dos professores, das famílias e da sociedade que também precisam se reinventar de humanidade e caráter emancipatório coletivo. E ele nos lembra

O saber humano implica uma unidade permanente entre a ação e a reflexão sobre a realidade. Enquanto presenças no mundo, os homens são ‘corpos conscientes’ que transformam este mundo pelo pensamento e pela ação, o que faz com que lhes seja possível conhecer este mundo ao nível reflexivo. Mas, precisamente por esta razão, podemos agarrar a nossa própria presença no mundo, que implica sempre unidade da ação da reflexão, como objeto da nossa análise crítica (Freire, 1997, p. 20-21).

Uma educação que já prevê uma diferença em sua oferta, não serve como ascensão social, mas, como um instrumento que reafirma a segregação social. Por isso, necessitamos de uma ação transformadora dessa realidade e isso só é possível se como nos lembra Freire:

[...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se

reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (Freire, 1983b, p. 27)

Não podemos desconsiderar a gama de conhecimentos que o uso das novas tecnologias pode ampliar na vida escolar do aluno que a ela tem acesso, como também, a possibilidade de inovação das práticas educativas do professor. Portanto, é preciso refletir as diferentes formas de atendimento dos educandos no período de ensino remoto 2020-2021. Analisando as informações do processo de aprendizagem daqueles que foram assistidos apenas com material impresso, como apostilas e livros didáticos e de que forma esse atendimento frio e distante pode resultar em aprendizagem. Sem esquecer daqueles alunos que ficaram a margem de todo esse contexto e que agora precisam ter assegurados o seu direito a educação, revisitando as aprendizagens essenciais para seu avanço escolar.

Outro ponto que merece destaque é a condição dos professores durante esse processo. Muitos precisaram, em curto espaço de tempo, aprender a utilizar ferramentas digitais, reorganizar práticas pedagógicas e desenvolver novas estratégias de comunicação. Todavia, a mediação docente, mesmo mediada por telas, continuou sendo um elemento central para garantir alguma forma de continuidade pedagógica. A ausência dessa mediação — especialmente para estudantes que não conseguiam se comunicar online — reforça o alerta freireano sobre o risco de práticas que reproduzem desigualdades. O professor não é mero transmissor de conteúdos, mas mediador crítico, e quando esse papel é enfraquecido, o processo educativo perde seu caráter formativo.

Nesse sentido, a pandemia deixou clara a urgência de políticas públicas que garantam equidade no acesso às tecnologias e formação continuada para os profissionais da educação. O retorno às aulas presenciais, embora tenha representado um avanço, não eliminou os déficits de aprendizagem acumulados nesse período.

“A pandemia provocou a maior interrupção da educação já registrada, resultando em perdas significativas de aprendizagem, especialmente entre os estudantes mais vulneráveis.” (UNESCO, 2021).

Essa constatação reforça a necessidade de reconhecer que os impactos da pandemia não se distribuíram de maneira uniforme entre os estudantes. Aqueles que já enfrentavam dificuldades socioeconômicas, falta de acesso às tecnologias e menor apoio familiar foram os mais prejudicados, aprofundando desigualdades históricas no processo



de escolarização. Assim, compreender essas perdas não significa apenas quantificar déficits, mas refletir sobre as condições reais de ensino e aprendizagem que precisam ser transformadas para garantir equidade educacional no período pós-pandemia.

Para Andreas Schleicher (2020)

“Os fechamentos prolongados das escolas aprofundaram lacunas de aprendizagem, deixando muitos alunos meses atrás do que seria esperado em seu desenvolvimento educacional.” (Andreas Schleicher, diretor de Educação da OCDE).

A reflexão de Schleicher evidencia que os impactos do fechamento das escolas foram profundos e desiguais, afetando principalmente os estudantes que já viviam em condições de maior vulnerabilidade. A defasagem de meses no desenvolvimento esperado revela não apenas uma interrupção temporária, mas um retrocesso estrutural no processo de aprendizagem. Diante desse quadro, torna-se imprescindível que os sistemas educacionais revisitem currículos, reorientem práticas pedagógicas e ampliem estratégias de acompanhamento individualizado, de modo a minimizar as perdas e promover o direito à aprendizagem para todos.

Todavia, e diante de tantos impactos sofridos ao longo do processo da pandemia e que vem se estendendo posteriormente, faz-se necessário revisitar currículos, redefinir prioridades e promover ações de reforço e acompanhamento individualizado, especialmente para os alunos que ficaram mais vulneráveis. Como insiste Freire, educação é um ato político, e somente políticas comprometidas com a igualdade de condições poderão assegurar que todos os estudantes tenham, de fato, o direito à aprendizagem e ao progresso escolar.

Diante do que vivenciamos e que ainda estamos com as sequelas no ensino e aprendizagem a alfabetização no ensino remoto emerge como um campo especialmente sensível, pois envolve habilidades iniciais de leitura e escrita que exigem acompanhamento próximo, interação frequente e práticas significativas. A pandemia expôs que, embora as tecnologias tenham potencial para ampliar o acesso ao conhecimento, sua eficácia depende das condições concretas em que os educandos viveram. Assim, alfabetizar remotamente pode ser uma possibilidade democrática quando há mediação qualificada, recursos tecnológicos disponíveis e participação ativa da

família; contudo, torna-se profundamente excludente quando essas condições não existem, mantendo à margem aqueles que mais necessitam da escola. Desse modo, os desafios observados reforçam a necessidade de refletir criticamente sobre como garantir que o processo de alfabetização, mesmo em contextos adversos, seja realmente inclusivo, dialógico e emancipador — princípios essenciais defendidos por Freire e indispensáveis para o avanço escolar dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs investigar a dinâmica educativa imposta pelo período social vivido em meio à pandemia da COVID-19, seus desafios e possibilidades para alfabetizar através do ensino remoto e ao mesmo tempo dialogar com os textos de Paulo Freire que tanto entendia dos processos de alfabetizar para além dos códigos, sempre numa perspectiva do letramento, da leitura do mundo do aluno, como forma de dar sentido ao ensino e a aprendizagem. Tais ensinamentos se mostram tão atuais e pertinentes para discutirmos o ensino como ferramenta de transformação social.

O trabalho não se limitou a teoria, uma vez que foi possível acompanhar e dialogar com professores alfabetizadores sobre seus desafios diários tentando atender a todos os alunos em meio a tantas dificuldades individuais das famílias, sobretudo no acompanhamento desse ensino remoto as crianças.

O estudo possibilitou-nos compreender a importância dessa interação presencial professor x aluno e suas diferentes formas de intervenção para o aluno avançar no seu aprendizado. Percebemos o ensino remoto como algo preocupante, principalmente para aqueles alunos que não possuem as mesmas condições de acesso ou para aqueles alunos que não encontram em seu lar apoio, no sentido de acompanhamento dessa nova dinâmica virtual de aprendizagem.

O estudo reforça a essencial figura do professor e da instituição escolar pública como mecanismo de democratização do ensino, assim como revela a urgência do poder público investir na escola e na valorização do magistério.

Concluímos que o ato de educar é complexo assim como é o ser humano. Compreender os processos pelos quais as crianças “não aprendem” e atuar na transformação dessa realidade, para que o “filho do oprimido” através da EDUCAÇÃO possa mudar a sua história precisa ser a ambição de todo educador.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. Educação e atualidade brasileira. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17^a ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, P. Educação e Mudança. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.
- FREIRE, P. O processo de alfabetização política. Revista da FAEEBA, Salvador, n. 7, p. 19-30, jan./jun. 1997.
- UNESCO. Relatório de Monitoramento da Educação Global 2021: Recuperar a aprendizagem após a Covid-19. Paris: UNESCO, 2021.
- OCDE. Education at a Glance 2020: OECD Indicators. Paris: OECD Publishing, 2020.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: dezembro de 2025.

